



## Apontamentos sobre ativismo feminista no *Facebook* e hipóteses sobre uma nova autonomia feminina<sup>1</sup>

Vera Martins<sup>2</sup>

### Introdução

Diante da emergência de novo espaço público híbrido criado pelas das redes sociais na internet percebemos uma reconfiguração dos padrões de movimento social, que reúne atrizes e atores sociais identificados com espaço aumentado da autonomia pessoal, ao mesmo tempo em que conecta indignações e esperanças coletivas (CASTELLS, 2013). Neste cenário das redes é possível identificar a significativa circulação importante circulação de conteúdos com abordagem feministas, gerando uma resposta das mulheres por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários por muitas mulheres, militantes feministas ou não.

A partir da constatação deste fenômeno, me interrogo sobre o impacto deste cenário na configuração do ativismo e dos movimentos de mulheres. Partindo desta inquietação, e considerando a significativa presença organizada das mulheres nas redes sociais, o objetivo geral deste texto elaborar hipóteses para compreender o ativismo feminista na internet. Para atingir este objetivo será realizado, 1) o mapeamento de movimentos de mobilização e ativismo feminista no *Facebook*; 2) a identificação dos objetivos/temas da presença de movimentos ou coletivos de mulheres no *Facebook* e 3) a observação dos recursos que são acionados movimentos ou coletivos para abordar os temas de interesse das mulheres.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 13 – Jornalismo e narrativas do sul global: vozes e temas emergentes

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – POSCOM da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM e docente do Depto. de Comunicação da mesma instituição - campus de Frederico Westphalen/RS. Mestra em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Integrante do RESTO - Laboratório de Práticas Jornalísticas – Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM. E-mail: [vera.martins@ufsm.br](mailto:vera.martins@ufsm.br).



### Nota metodológica

O percurso metodológico deste texto é norteado pela abordagem exploratória conforme Carlos Antonio Gil (2008), já que este é um movimento inicial que busca uma aproximação e familiaridade com as teorias que podem dialogar com o objetivo do trabalho, ou seja, por permitir, ao final do percurso, a elaboração de hipóteses. Por seu caráter aproximativo inicial, o mapeamento de movimentos de mobilização e ativismo feminista no *Facebook*; parte das *fan pages* que eu acompanho como militante e pesquisadora feminista, conforme quadro abaixo:

**Quadro 1 – Listas da fan pages feministas do Facebook analisadas**

<i>Fan pages</i>	Fundação	Total de curtidas*
Blogueiras Feministas	19 de outubro de 2010	83.165
Brasil Feminista	-	50.764
Estudios de Género en América Latina	2009	352.641
Películas Feministas	-	3.888
Plataforma Anti Patriarcado	16 de outubro de 2004	132.543
Think Olga	30 de abril de 2013	144.353
Vamos juntas?	30 de julho de 2015	396.115
* Dados coletados em 23 de outubro de 2016.		

Fonte: elaborado pela autora

Justifico a atribuição do conceito de feminista às *fan pages* e seus conteúdos, mesmo que nem todas utilizem este termo na sua autodescrição por que os conteúdos e as posturas políticas ali postadas expressam claramente um questionamento às atitudes individuais e ações institucionais que produzem e reproduzem diversas formas de violência contra as mulheres, bem como estimulam e celebram suas conquistas e empoderamentos.

### Miradas teóricas



O pensamento sobre o potencial e as limitações dos usos da internet por parte da sociedade já oscilou entre o fatalismo que demoniza as tecnologias e entre o entusiasmo ingênuo que creditava à tecnologia a solução de todas as mazelas sociais (MARTINO, 2014). Hoje, cientes dos atravessamentos econômicos, políticos, sociais e culturais que atuam sobre as redes digitais, é possível afirmar que “[...] a internet sempre é uma invenção local pelos seus usuários” (MILLER; HORST, 2015, pg. 102). Esta invenção, na perspectiva de Daniel Miller e Heather A. Horst, se dá dentro de um princípio holístico que ao observar os indivíduos identifica que “ninguém vive uma vida completamente digital e nenhuma mídia ou tecnologia existe fora de redes que incluem tecnologias ou mídias analógicas” (MILLER; HORST, 2015, pg. 100).

Esta perspectiva holística se alicerça na materialidade para compreender estes “usos inventivos” da internet, considerando uma materialidade da infraestrutura e tecnologia digital, do conteúdo digital e do contexto digital. Se aceitarmos que ambiente social contemporâneo se assenta num estatuto biológico-tecnológico eminentemente ambivalente e a comunicação é seu principal articulador (VALDETARO, 2015) podemos pensar no corpo como um lugar de experiência esta ambivalência, e que dá a ver os três aspectos da materialidade listados por Miller; Horst (Miller; Horst, 2015).

Esta perspectiva tem um potencial para a elaboração de uma compreensão crítica do ativismo feminista no *Facebook*, e estabelece um diálogo entre as teorias feministas e antropológicas uma vez que as questões ligadas à corporeidade das mulheres sempre estiveram no centro dos debates feministas.

A teórica Flávia Biroli (2013) numa reflexão sobre autonomia, opressão e identidades, afirma que “o corpo é o que as relações concretas e o ambiente social permitem que seja, mas ganha existência também à luz dos projetos e formas de atuação dos indivíduos (em relações de engajamento com outros)” (BIROLI, 2013, pg.8). Para a autora este corpo é sempre um “corpo-em-situação” que experimenta relações assimétricas e desiguais em contexto sociocultural específico.



É a partir da compreensão destes contextos que Biroli (2013) reflete sobre a construção de identidades autônomas por parte das mulheres, apontando para um conhecimento vivido, como “as experiências comuns que se tornam visíveis, permitindo a transposição de uma condição de alienação (visão de si a partir de um ângulo de visão masculino) em direção à consciência da própria posição social” (BIROLI, 2013, pg. 16).

Na sociedade atual, com seus espaços híbridos e suas fronteiras dinâmicas que alteram as subjetividades sociais, as mulheres tem se organizado em movimentos/coletivos para participar da construção de uma nova percepção e imaginário do mundo. Sua atuação nas redes sociais digitais está questionando os modelos de pensamento e de criação de vínculos que organizou a sociedade até então. São estes questionamentos, nas suas mais diversas roupagens, que elas fazem circular no *Facebook*.

### **O feminismo que circula no *Facebook***

A partir da observação das *fan pages* selecionadas para este análise, o quadro abaixo apresenta a identificação dos objetivos/ da presença de movimentos ou coletivos de mulheres no *Facebook*.

**Quadro 2 – Fan pages feministas do *Facebook*, e seus objetivos.**

<b>Fan pages</b>	<b>Objetivo</b>
Blogueiras Feministas	Somos Mulheres e Homens. Somos de várias partes do país, com diferentes experiências de vida. Somos feministas.
Brasil Feminista	O ponto de encontro dos coletivos feministas
Estudios de Género en América Latina	Artículos para descargar, noticias, directorios en América Latina, convocatorias, red académica, movimientos sociales
Películas Feministas	Hartas de ver películas dirigidas por hombres, protagonizadas por hombres y sin tramas en las que las mujeres nos sintamos identificadas? Yo al menos sí y nos hemos visto con la obligación y motivación de crear la única página que habla exclusivamente sobre cine feminista, en la que entra todo tipo de cine, películas dirigidas por mujeres, lesbianas, intersexuales... protagonizadas por ellas, que tengan un contenido mínimamente feminista, que cumplan el test de



	Bechdel y mucho más.
Plataforma Anti Patriarcado	El objetivo de este grupo es ser un espacio libre y blindado para las víctimas del Patriarcado, además de visibilizar el Patriarcado como sistema opresor y como origen de la desigualdad y la violencia de género, y no de género, y sus representaciones.
Think Olga	- Nosso objetivo é criar conteúdo que reflita a complexidade das mulheres e as trate com a seriedade que pessoas capazes de definir os rumos do mundo merecem. Nossa missão é empoderar mulheres por meio da informação e retratar as ações delas em locais onde a voz dominante não acredita existir nenhuma mulher. Nossa luta é para que as mulheres possam ter mais escolhas. Escolhas informadas e consentidas.
Vamos juntas?	Na próxima vez que estiver em uma situação de risco, observe: do seu lado pode estar outra mulher passando pela mesma insegurança. Que tal irem juntas?

Fonte: elaborado pela autora

Para atingir seus objetivos, os movimentos/coletivos acionam os seguintes recursos: artigos, depoimentos, divulgação de números para “Disque denúncia”, dicas de filmes, imagens e memes, livros para download, poesias, reportagens, tirinhas/humor, venda de produtos (livros e camisetas) e vídeos.

Quanto aos temas abordados durante o período de observação, é possível compor a seguinte lista:

### Quadro 3 – lista dos principais temas abordados nas *fan pages* feministas do Facebook

Aborto - amor próprio - assédio sexual – assexualidade - **autoestima** - beleza negra - carreiras profissionais e mulheres - cinema feminista - criança negra e indígena - crítica à cultura machista - cultura de paz - **cultura do estupro** - desigualdade de gênero - dia da criança, da mulher rural, do professor, internacional da menina - ecofeminismo - eleições municipais e campanha para voto em mulheres, igualdade de gênero, machismos, mulheres candidatas, mulheres eleitas - eleições EUA - empoderamento feminino - enfrentamento da violência contra as mulheres - estereótipo de gênero – feminicídio –





feminismo - feminismo negro - furacão Haiti - futebol feminino – gênero - lei Maria da Penha - **lutas das mulheres brasileira e colonialismo** – machismo – maternidade – misoginia - movimentos feministas -mulheres indígena - PEC 241 – poesia – poliamor - pornografia e misoginia – prostituição – racismo - **relações afetivas** - relações homo afetivas entre mulheres - relações tóxicas - saúde da mulher – sexíssimo – sororidade – suicídio - vagão rosa - violência contra as mulheres.

Fonte: elaborado pela autora

A partir da observação das *fan pages* é possível constatar também que os movimentos/coletivos atuam em outras plataformas da internet, como sites e blogs.

#### **Nota final: hipóteses sobre ativismo feminista no Facebook e a constituição de uma sobre uma nova autonomia das mulheres**

O percurso exploratório empreendido neste texto permite a elaboração de algumas hipóteses para apoiar a compreensão do ativismo feminista nas redes sociais digitais:

- há, por parte dos movimentos/coletivos, uma aposta no potencial emancipador da oferta de informações para as mulheres;
- as atividades dos movimentos/coletivos utilizam as redes sociais digitais como espaço para o desvelamento dos sistemas de opressão e denúncia das injustiças e desigualdade entre mulheres e homens;
- há um entendimento de que as redes sociais digitais podem ser um espaço seguro e protegido para o ativismo feminista;
- está em marcha a construção de “outra” autonomia, que pede a combinação de elementos da individuação do sujeito moderno com o resultado de processos de partilha de experiências entre mulheres (sororidade: irmandade entre mulheres) que demandam uma aposta no coletivo;



Estas hipóteses apontam para a importância das redes sociais digitais na visibilidade do gesto político das mulheres que se auto declaram feministas e que isso colocam em processo uma “outra” autonomia da mulher como sujeito social. Este gesto político carrega a potencialidade de uma renomeação das experiências vividas pelas mulheres, disputando politicamente os sentidos atribuídos (às experiências) pela sociedade patriarcal e machista por meio da resignificação das experiências compartilhadas.

### Referências bibliográficas

- BIROLI, Flavia. *Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013, p. 81 – 105.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Movimentos sociais na era da internet. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MILLER, Daniel; HORST, Heather. *O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital*. Revista Parágrafo, São Paulo, v.2, n.3, 2015, p. 91 - 111.
- VALDETTARO, Sandra. *Epistemología de la Comunicación. Una introducción crítica*. Rosário-Argentina: UNR, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Phoenix/Downloads/sandra\\_valdettaro-epistemolog\\_a\\_de\\_la\\_comunicaci\\_n-ebook.pdf](file:///C:/Users/Phoenix/Downloads/sandra_valdettaro-epistemolog_a_de_la_comunicaci_n-ebook.pdf)

### Blogs

- Blogueiras Feministas: <https://www.facebook.com/blogueirasfeministas/?fref=ts>
- Brasil Feminista: <https://www.facebook.com/brasilfeminista/?fref=ts>
- Estudios de Género em América Latina: <https://www.facebook.com/estudiosdegenero/?fref=ts>
- Peliculas Feministas: <https://www.facebook.com/estudiosdegenero/?fref=ts>



Plataforma Anti Patriarcado:

<https://www.facebook.com/PlataformaAntiPatriarcado/?fref=ts>

Think Olga: <https://www.facebook.com/thinkolga/?fref=ts>

Vamos juntas?: <https://www.facebook.com/movimentovamosjuntas/?fref=ts>